

INVESTIGAÇÃO DOS DADOS SOBRE ESTILOS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS FREQUENTADORES DA BASE DE APOIO AO APRENDIZADO AUTÔNOMO

Élen Cristina Lopes da Silva

Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras, UFPA, Bolsista PIBIC / UFPA
66010-250 Belém-PA tel: (91)3235-9426, elencristina_br@yahoo.com

Walkyria Magno e Silva

Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras, UFPA
66.055-090 Belém-PA tel: (91)3222-7604, wmagno@amazon.com.br

RESUMO

Estilos de aprendizagem são características particulares de aprender uma língua estrangeira (LE) e o estudo acerca desse assunto pode explicar e servir de base para a proposta de soluções a alguns problemas encontrados no aprendizado de LE. No projeto de pesquisa e ensino Caminhos da Autonomia na Aprendizagem de LE, são utilizados testes de estilos de aprendizagem, aplicados na Base de Apoio ao Aprendizado Autônomo (BA³), para conscientizar os alunos de seus canais preferenciais para aprender. O teste utilizado para o levantamento inicial de dados para este estudo foi elaborado por Nunan (1996 apud GARDNER & MILLER, 1999) e consiste em detectar três estilos de aprendizagem relacionados a três sistemas sensoriais preferenciais: visual, auditivo e sinestésico. Após a análise dos dados de 75 frequentadores da BA³, constatou-se a impossibilidade de estabelecer parâmetros precisos de ocorrência dos estilos de aprendizagem, pois o resultado varia nos semestres em que foi levantado, provando, no contexto local, o caráter individual do canal preferencial de aprendizado. Em seguida foram selecionados dez sujeitos para estudos mais detalhados, sendo que nessa etapa os instrumentos utilizados foram uma narrativa de aprendizagem e uma entrevista. A pesquisa respondeu a uma das indagações de nosso interesse: saber se os estilos de aprendizagem, uma vez identificados, efetivamente ajudavam o aluno a aprender mais e melhor. Os resultados expostos neste artigo respondem positivamente a essa pergunta no âmbito local. A identificação dos estilos preferenciais de aprendizagem tem um papel preponderante no aprender a aprender, uma vez que de posse desse conhecimento cada indivíduo pode desenvolver estratégias de aprendizagem para se tornar competente na LE alvo.

ABSTRACT

Learning styles are personal characteristics used to learn a foreign language (FL) and its study can explain and propose solutions to some FL learning problems. The research project Ways to Autonomy in Foreign Language Learning applies learning styles tests to make students aware of their privileged learning styles. A learning styles test adapted from Nunan (1996 apud GARDNER & MILLER, 1999) is used to find out which sensorial channel is preferably used by each student: verbal, visual, or cinesthetic. After analysing data from 75 students who took the test, it was impossible to establish precise parameters of styles occurrence. This proves in local context the individual characteristic of preferred learning

styles. Next, learning narratives were collected and an interview was conducted with ten subjects in order to answer our question whether learning styles, once identified, were employed by students to learn more and better. Results show that the identification of learning styles has an important role on learning how to learn. Besides, once students know their preferred learning style they can choose learning strategies accordingly in order to become proficient in the target language.

INTRODUÇÃO

Estilos de aprendizagem são maneiras individuais perceber e sistematizar as experiências a que todos os indivíduos são expostos desde o nascimento. A importância dos estilos de aprendizagem no aprendizado de línguas estrangeiras (LE) vem sendo cada vez mais reconhecida por autores de todo o mundo, pois, sabendo quais os estilos preferenciais dos alunos, os professores podem propor soluções para a otimização desse aprendizado. O assunto, que teve sua origem nos estudos da Psicologia da Aprendizagem e na Neurobiologia, vem pouco a pouco conquistando espaços na formação de futuros professores de LE. Dessa forma, esse conhecimento pode ser um aliado tanto do docente quanto dos discentes para a conscientização e utilização dos recursos de ensino e aprendizagem.

Neste artigo começaremos por expor brevemente alguns dos conceitos pertinentes aos estudos sobre estilos de aprendizagem. Em seguida, discorreremos sobre a metodologia empregada em um estudo sobre estilos de aprendizagem desenvolvido ao longo de um ano para cumprir um plano de trabalho de Iniciação Científica. Depois de exposta a metodologia, mostraremos os resultados que foram observados e analisaremos as consequências desses resultados para o aprendizado dos sujeitos estudados. Finalmente, vislumbraremos novas perguntas de pesquisa que poderão nortear futuros estudos na área.

1. ESTILOS DE APRENDIZAGEM

Estilos de aprendizagem são características particulares de aprender, ou seja, cada indivíduo possui um estilo único e diferenciado no processo de aquisição de uma LE ou outra disciplina.

As conceituações de estilos de aprendizagem indicam que as experiências às quais os indivíduos são expostos ajudam a determinar suas maneiras privilegiadas de aprender. Felder & Henriques (1995) afirmam que estilos de aprendizagem são meios através dos quais um indivíduo adquire, retém e recobra informações. Brown (1983) define-os como características gerais do funcionamento intelectual, particulares a um indivíduo diferenciando-o dos outros. Reid (1998:ix) afirma que “estilos de aprendizagem são características internas, freqüentemente não percebidas ou conscientemente utilizadas pelos aprendentes para a percepção e compreensão de novas informações”. Dum & Griggs (1998 apud OXFORD, 2003), referindo-se mais especificamente à situação de sala de aula, definem estilos de aprendizagem como características, biológica ou contextualmente instaladas, responsáveis por fazer a mesma metodologia de ensino ótima para uns e terrível para outros. Nessa última conceituação, pode-se ver claramente que se o estilo do professor for o único utilizado em suas aulas, os alunos cujos estilos não forem compatíveis com o do mestre, terão suas chances de aprendizagem prejudicadas. Felder & Soloman (2006 apud DIAS, 2006:19) afirmam que

“estilos de aprendizagem podem ser definidos como as características internas ou as preferências individuais dos aprendizes na forma de receber e/ou processar informações. Tais estilos, nem sempre conscientes, também exercem influência marcante nas estratégias utilizadas para aprender”.

Em suma, estilos de aprendizagem são características intelectuais que o estudante usa para aprender uma LE ou qualquer outro assunto. Por exemplo, se o aprendente aprende mais facilmente as palavras ouvindo-as, ele possui o estilo de aprendizagem preferencial auditivo, embora isso não signifique ser este o seu único canal de aprendizado. Esse aluno pode ainda ser parcialmente visual, pois aprende também visualizando conteúdos, e ainda parcialmente sinestésico, uma vez que aprende através de atividades e jogos educativos. Os estilos de aprendizagem são vários e ocorrem em intensidades diferentes no mesmo indivíduo. A conscientização de como esses estilos se apresentam em cada indivíduo pode colaborar para sua utilização ideal visando uma aprendizagem mais rápida e duradoura.

2. METODOLOGIA

O projeto de pesquisa e ensino Caminhos da Autonomia na Aprendizagem de LE (MAGNO E SILVA, 2005), que vem sendo desenvolvido desde março de 2004 junto aos alunos do Curso de Letras, procura proporcionar oportunidades diversificadas de aprendizado para suprir dificuldades que os alunos tenham para acompanhar os conteúdos veiculados em sala de aula. O projeto abriga uma Base de Apoio ao Aprendizado Autônomo (BA³), um espaço seguro para a investigação dos problemas de aprendizagem das LE e para o autoconhecimento do aluno visando auxiliá-lo a “aprender a aprender”.

Para identificar os estilos de aprendizagem preferenciais na BA³, são utilizados dois testes. Um deles foi adaptado de Nunan (1996 apud GARDNER & MILLER, 1999) que consiste em detectar três estilos de aprendizagem relacionados a três sistemas sensoriais: auditivo, visual e sinestésico. O outro foi elaborado por Felder & Soloman (1994) e mostra quatro dimensões de estilos de aprendizagem relacionados a quatro pares de características opostas. Os quatro pares são: visual/verbal, ativo/reflexivo, seqüencial/global e lógico/intuitivo. Esse teste permite ao aprendente situar-se em um ponto qualquer de uma escala entre os opostos já mencionados. De acordo com o posicionamento do aprendente em cada uma das quatro escalas, ele saberá se usa mais o estilo visual que o verbal, se prefere o aprendizado de forma seqüencial à forma global etc.

Ao realizar os testes, o aprendente descarta a idéia de que não é apto a aprender uma LE e conscientiza-se de que o que pode estar ocorrendo é a falta de compatibilidade entre as estratégias utilizadas em sala de aula e/ou em casa e seu(s) estilo(s) de aprendizagem preferencial(is). A partir daí, o aprendente procura utilizar estratégias de aprendizado compatíveis, desenvolvendo ao mesmo tempo sua autonomia e percebendo resultados positivos devido ao emprego de novas maneiras de absorver as informações.

Diferentes resultados dos testes de estilos de aprendizagem são coletados dos alunos freqüentadores da BA³ e arquivados em pastas individuais. Esses dados contêm informações importantes que precisam ser analisadas e relacionadas às ações executadas pelos aprendentes no âmbito do projeto Caminhos da Autonomia. Dessa forma, pretende-se identificar se os alunos participantes do projeto estão utilizando satisfatoriamente o conhecimento que possuem sobre seu(s) estilo(s) de aprendizagem preferencial(is).

O objetivo da pesquisa desenvolvida segundo o plano de atividades submetido ao programa PIBIC foi verificar se os estilos de aprendizagem identificados nos testes feitos pelos alunos estavam sendo explorados de maneira a ter um impacto na qualidade de estudos desses alunos.

Em primeiro lugar, foi desenvolvida uma preparação teórica fundamentada, principalmente, nas obras de Oxford (1990, 1995, 2003), Brown (1983, 1994), Nunan (1996 apud GARDNER & MILLER, 1999; 2000) e Felder e Soloman (2006). Sendo a pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo, foram utilizados três instrumentos de coleta de dados: testes de estilos de aprendizagem, narrativas de aprendizagem e entrevistas semi-estruturadas.

O teste de estilos de aprendizagem utilizado para a coleta de dados foi o adaptado de Nunan (1996 apud GARDNER & MILLER, 1999) o qual detecta três sistemas sensoriais preferenciais (visual, auditivo e sinestésico). Na narrativa de aprendizagem, redigida em português, o aluno expôs sua trajetória de aprendizagem da língua alvo. Esse instrumento tem se mostrado bastante produtivo na pesquisa sobre ensino e aprendizagem. A entrevista semi-estruturada foi elaborada a partir de Brown & Rodgers (2002) e composta de cinco perguntas elaboradas para a coleta de informações pertinentes ao conhecimento e uso dos estilos de aprendizagem. As entrevistas foram gravadas em fita cassete e as partes relevantes foram transcritas.

Para organizar os dados foi criado um formulário de coleta de dados para acompanhar as etapas cumpridas por cada aluno.

Finalmente, os dados foram analisados, obtendo-se os resultados apresentados a seguir.

3. RESULTADOS E ANÁLISE

A primeira tarefa executada foi o levantamento dos resultados dos testes de estilos de aprendizagem feitos pelos alunos freqüentadores da BA3 desde o 1º semestre de 2004, até o segundo semestre de 2005, conforme mostra a tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Estilos preferenciais dos alunos freqüentadores da BA3

1º Semestre de 2004 (28 novos freqüentadores realizaram o teste)		2º Semestre de 2004 (14 novos freqüentadores realizaram o teste)	
Estilo preferencial	Percentual	Estilo preferencial	Percentual
visual	35,7	visual	64,29
auditivo	17,86	auditivo	7,14
sinestésico	46,43	sinestésico	28,57
1º Semestre de 2005 (19 novos freqüentadores realizaram o teste)		2º Semestre de 2005 (14 novos freqüentadores realizaram o teste)	
Estilo preferencial	Percentual	Estilo preferencial	Percentual
visual	63,16	visual	78,57
auditivo	26,31	auditivo	7,14
sinestésico	10,53	sinestésico	14,28

Analisando os números, pode-se constatar a impossibilidade de estabelecer parâmetros precisos de ocorrências dos estilos de aprendizagem em um grupo. O resultado varia nos quatro semestres em que foi levantado, o que prova, no contexto local, o caráter individual do canal preferencial de aprendizado. No entanto, podemos observar que em três dos quatro semestres em questão o estilo visual predominou com mais de 60% de freqüência, enquanto que o estilo auditivo obteve, em três semestres, a menor freqüência. Tal resultado conduz a hipóteses a respeito da principal origem da dificuldade de aprendizado de língua estrangeira dos alunos de graduação da UFPA aos quais a informação em sala de aula é dada, basicamente, de forma oral. Logo, os alunos auditivos assimilam bem o conteúdo e progridem sem grandes dificuldades, o que explica a pouca procura destes pelo projeto. Já os alunos visuais (ou sinestésicos, que foram a maioria no 1º semestre de 2004), que não assimilam o que ouvem tão bem quanto o que vêem (ou fazem, no caso de alunos sinestésicos), ficam com lacunas em seu aprendizado em sala de aula.

Tendo obtido tais resultados, houve a necessidade de se refinar as informações de acordo com os pontos de interesse da pesquisa. Para isso, foram selecionados 10 alunos, que freqüentam regularmente a BA³ e que haviam realizado o teste de estilo de aprendizagem adaptado de Nunan (1996 apud GARDNER & MILLER, 1999). Eles foram solicitados a

escrever, cada um, uma narrativa de aprendizagem e a se submeter a uma entrevista semi-estruturada.

Após a coleta dos dados, foi feita a triangulação dos dados dos testes de estilos de aprendizagem com as narrativas de aprendizagem e com as entrevistas semi-estruturadas, o que possibilitou a observação do grau de aproveitamento do conhecimento acerca dos estilos de aprendizagem no processo de aprendizagem da língua alvo.

Os resultados dessa análise mostram que dos 10 alunos investigados, 9 sabem o que são estilos de aprendizagem e apenas um não soube definir o conceito. Esse último aluno possui uma idéia vaga do que são estilos de aprendizagem, sabe qual tipo de atividade lhe agrada, mas não explora seus estilos preferenciais de uma forma eficaz, como se pode constatar pelo excerto da entrevista abaixo:

(1) Tutora: Qual seu estilo de aprendizagem?

(2) 04.06.03¹: Eu não tenho certeza, mas tenho muita dificuldade na escrita, acho que é algo relacionado com isso (...).

O indivíduo em questão possui o estilo preferencial visual, mas não deu indicações de saber disso durante a entrevista e nem de saber utilizar o conhecimento de como alunos visuais aprendem melhor para potencializar sua apreensão de novos conteúdos.

Passemos agora a discorrer sobre os resultados encontrados no grupo de alunos que sabem conceituar estilos de aprendizagem. Esse grupo apresenta três subdivisões, como veremos a seguir:

3.1. ALUNOS QUE SABEM O QUE SÃO ESTILOS DE APRENDIZAGEM, QUAL SEU ESTILO PREFERENCIAL E SABEM APLICÁ-LO NAS ATIVIDADES DE APRENDIZADO DE LE:

Dos 10 alunos investigados, 50% se enquadram nessa subcategoria. Pode-se dizer que esses alunos já demonstram autonomia em sua aprendizagem e melhoria em suas habilidades na língua estrangeira alvo, sendo que, alguns deles já não precisam freqüentar a BA³. Vejamos, como exemplo, um trecho de uma entrevista semi-estruturada:

(3) 05.04.08: Meu estilo é o visual (...), visual é aquela pessoa que tem maior facilidade de aprender através do que vê como cartazes e filmes (...), depois que comecei a ter orientação voltada para meu estilo, criei atividades para lembrar melhor das palavras (...). Hoje eu consigo conversar em inglês, meu vocabulário era pouco, pois eu não assimilava as palavras (...).

Como podemos ver no excerto acima, o sujeito sabe conceituar estilos de aprendizagem, identificou seu próprio estilo e conscientemente adotou estratégias que incorporaram seu estilos preferencial para aprender melhor. A comparação entre como era seu aprendizado antes de fazer uso desse conhecimento e como é agora enfatiza sua pertinência para a otimização de seu desempenho estudantil.

3.2. ALUNOS QUE SABEM O QUE SÃO ESTILOS DE APRENDIZAGEM E É SEU ESTILO PREFERENCIAL, MAS NÃO SABEM APLICAR ESSE CONHECIMENTO EM SEU APRENDIZADO:

¹ O número dos participantes do projeto é composto de 6 algarismos onde os dois primeiros são o ano de início de sua participação, seguidos pelos algarismos referentes ao mês de início de sua participação e, finalmente os dois últimos referem-se à ordem de chegada naquele mês.

Dos 10 alunos investigados, 30% pertencem a essa subcategoria. Eles sabem o conceito de estilos de aprendizagem e identificam, com segurança, seu estilo preferencial, mas não sabem que atividades de aprendizado de línguas podem desenvolver para aprender mais e melhor. É o que podemos constatar a partir dos excertos abaixo:

(4) 04.11.08: Meu estilo é o visual (...) auditivo nem tanto (...), posso ouvir algo, mas não assimilo tão bem como quando escrevo.

(5) Tutora: E como você aplica esse estilo em suas atividades de aprendizado?

(6) 04.11.08: Assistindo a filmes sem usar a legenda, ouvindo música para aprimorar a pronúncia (...).

De acordo como o estilo de aprendizagem da aluna, para um aprendizado mais efetivo, seria coerente colocar a legenda em inglês, já que ela admitiu aprender melhor o que vê e não o que ouve. Ouvir música também pode não ser tão eficaz para a aluna como a construção de esquemas onde ela poderia marcar os sons difíceis de serem emitidos com canetas coloridas de forma que ela pudesse “enxergá-los” para aprender melhor.

3.3. ALUNOS QUE SABEM O QUE SÃO ESTILOS DE APRENDIZAGEM, MAS NÃO SABEM QUAL SEU ESTILO PREFERENCIAL:

Dos 10 alunos investigados, 10% dominam o conceito de estilos de aprendizagem, mas tal conceito é generalizado e os alunos não sabem determinar qual seu estilo individual de aprender. Podemos constatar tal compreensão no excerto abaixo:

(7) 04.05.02: Estilo de aprendizagem é um jeito individual de aprender (...).

(8) Tutora: E qual é seu estilo de aprendizagem?

(9) 04.05.02: Ah, eu gosto de aprender com música (...).

Analisando o fato de a aluna gostar de aprender com música, pode-se deduzir que ela é auditiva (como consta em seu teste), no entanto, ela não soube nomeá-lo, embora tivesse identificado seu canal preferencial. Aqui se pode argumentar que o nome do estilo não é exatamente o mais importante, mas sim o fato de a aluna identificar a maneira como aprende melhor. No entanto, as informações a respeito de estilos de aprendizagem são explicitamente colocadas para todos os freqüentadores da BA3 a fim de tornar os alunos conscientes desses conceitos, sabendo nomeá-los e colocando-os a serviço de seu próprio aprendizado. Então, se considerarmos a resposta (9) acima aceitável, essa aluna seria classificada na subcategoria 3.1. descrita mais acima neste artigo.

De acordo como os resultados da coleta de dados, observa-se que 80% (ou 90%, se aceitarmos a fala (9) acima) dos alunos freqüentadores do projeto, que cumpriram todas as etapas da pesquisa, já obtiveram resultados positivos em seu aprendizado e utilizaram seus estilos preferenciais para aprender mais e melhor. Além disso, 50% já não precisam de acompanhamento dos tutores do projeto. Esse resultado se deve à conscientização da existência de diversos estilos de aprendizagem aliada ao uso de estratégias de aprendizagem compatíveis. Para evidenciar essa afirmação, tomemos como exemplo um trecho de uma narrativa de aprendizagem:

(10) 05.04.08: A situação era que eu possuía muitas dificuldades para aprender, mas não sabia identificá-las e assim não poderia melhorá-las. Então fui encaminhada ao Projeto BA³, e com a ajuda dos tutores, descobri que era uma aluna visual e comecei a identificar as áreas em que tinha mais dificuldades de aprender e desenvolver atividades que tornassem maior o meu aprendizado (...). Produzia *mini-cards*, jogo da memória, esquemas de estudo, já me sentia

mais estimulada para estudar, estava aprendendo mais e melhor, minha auto-estima estava aumentando e eu não ficava mais triste.

A aluna citada já é uma aprendente autônoma de inglês, não precisando mais frequentar o projeto, pois está perfeitamente reintegrada à sala de aula. Ela tanto passou a estudar sozinha usando seu estilo preferencial quanto a transformar os conteúdos passados em sala de aula para seu estilo preferencial para aprender melhor.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa utilizou-se de um método investigativo dos estilos de aprendizagem para o desenvolvimento autônomo dos alunos de LE na busca da fluência no idioma alvo. O estudo respondeu, embora em pequena escala, a uma das indagações de nosso interesse que era saber se os estilos de aprendizagem, uma vez identificados, efetivamente ajudavam o aluno a aprender mais e melhor. Os resultados expostos neste artigo respondem positivamente a essa pergunta no âmbito local. Outra constatação interessante que este trabalho apontou é a necessidade de direcionar as aulas de línguas estrangeiras de maneira que atendam também aos alunos que tenham estilos não privilegiados nas salas de aula tradicionais, que privilegiam os alunos portadores do estilo auditivo.

A partir dos estudos expostos neste artigo, podemos vislumbrar novas perguntas de pesquisa. Em primeiro lugar podemos expandir a pesquisa tendo como foco principal fatores que influenciam a apropriação de LE na graduação, apropriação essa que envolve não somente os estilos de aprendizagem, mas outros fatores que podem ser objetos de próximas pesquisas. Em segundo lugar poderemos desenvolver uma pesquisa junto aos professores procurando saber quais seus estilos preferenciais de ensinar e como fazem para conciliar seus estilos de ensino com os estilos de aprendizagem dos alunos.

Como já exposto anteriormente (MAGNO E SILVA, 2004), o aprendizado pode se desenvolver de forma exponencial desde que se adote uma postura de ativar e gerenciar as estratégias apropriadas. A identificação dos estilos preferenciais de aprendizagem tem um papel preponderante no aprender a aprender, uma vez que de posse desse conhecimento cada indivíduo percorrerá seu próprio caminho extrapolando a instrução recebida em sala de aula e traçando assim autonomamente a sua trajetória em direção à competência em LE.

PALAVRAS CHAVE

Estilos de aprendizagem, estratégias de aprendizagem, aquisição de línguas estrangeiras, autonomia.

REFERÊNCIAS

BROWN, Douglas. **Teaching by Principles**. Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.

_____. **Principles of Language Learning and Teaching**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1983.

BROWN, James Dean & RODGERS, Theodore S. **Doing Second Language Research**. New York: Oxford, 2002.

DIAS, Reinildes. **Aprender a Aprender**. Metodologia para Estudos Autônomos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FELDER, Richard & HENRIQUES, Eunice. Learning and Teaching Styles in Foreign and Second Language Education. (...). **Foreign Language Annals**: 28 (1), p.21-31, 1995.

FELDER, M. Richard & SOLOMAN, Barbara. Learning Styles and Strategies. In: <http://www.ncsu.edu/felder-public/ILSdir/styles.htm>. Acesso em: 12/02/2006.

GARDNER, David & MILLER, Lindsay. **Establishing Self-Access: from theory to practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p.159-160.

MAGNO E SILVA, Walkyria. Caminhos de Autonomia no Aprendizado de Línguas Estrangeiras. In: 18^o. ENPULI, 2005, UEC, Fortaleza. (anais no prelo).

_____. Autonomia e saber exponencial no ensino e aprendizagem de línguas. In: VIII JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 2004, Belém. **Caderno de Resumos ...** Belém: UFPA, 2004. p. 101-102.

NUNAN, David. Autonomy in language learning. . In: ASOCOPI 2000. Cartagena, Colômbia, out. 2000. Disponível em http://www.nunan.info/presentations/autonomy_lang_learn.pdf. Acesso em: 14 set. 2005.

OXFORD, Rebecca. Language Learning Styles and Strategies: an Overview. GALA, 2003. In: <http://www.education.umd.edu/EDCI/SecondLangEd/TESOL/People/Faculty/Dr.%20Oxford/RebeccaOxford.htm>. Acesso em: 21 set. 2005.

OXFORD, Rebecca. **Language learning strategies: What every teacher should know**. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

OXFORD, Rebecca & BURRY-STOCK, Judith. Assessing the use of language learning strategies worldwide with the ESL/EFL version of the SILL. **System**. Vol 23 (1), p.1-23, 1995.

REID, Joy. (Ed.). **Understanding learning styles in the second language classroom** . Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall Regents, 1998.